



O trajeto da linha de ônibus circular, assinalada em negro mais forte, foi uma das sugestões de moradores

Lote: um pedacinho do céu na Ceilândia

Antonio Dias, moro de aluguel no endereço QNM 05 CONJ K CASA 41 CEIL. SUL, tenho 4 filhos, estou desempregado, minha esposa M^a PATROCINA DE JESUS, ela está trabalhando mais não é fichada e a qualque momento ela pode ser mandada ir embora. Preciso trabalhar, pois estou parado e não tenho condições de sustentar minha família pagar aluguel os donos já não aceita quem tem muito filho a qualquer hora posso ficar na rua com meus filhos e esposa. Peço que me arruma um lote para colocar os meus filhos e esposa.

ASSINATURA

Morador quer emprego mas não sabe escrever

Duas frases comoventes

AUREA VARJÃO
Da Editoria de Cidade

As duas frases que mais me chamaram atenção, quando li mais de oito mil bilhetes com as reivindicações do povo da Ceilândia, foram: "Somos sempre humilhados pelos donos dos barracos" e "Quem tem filhos não consegue um barraco para alugar". Essas frases foram escritas em centenas de bilhetes e mostram bem a realidade de milhares de brasileiros.

Quem mora nesses barracos, às vezes em cubículos com um ou dois cômodos abrigando mais de oito pessoas, passa por grandes humilhações. São pessoas que, como dizem repetidas vezes, têm que escolher entre comer ou pagar o aluguel de Cr\$ 12 e 25 mil. E, como têm que viver em algum lugar, por muitas vezes assistem a seus filhos passar fome, chorando por um pedaço de pão. Infelizmente não podemos dizer que "parece mentira", porque é a mais triste das verdades. E quando fica difícil pagar, mesmo deixando de comer, aí vem a humilhação. Vem o sujeito que tem um barraco não se sabe como - para explorar e diz para o pai de família que ele "ou paga ou vá morar debaixo da ponte".

Diz uma senhora, viúva, mãe de cinco filhos, que não sabe o que fazer quando chega o final do mês. Ela trabalha como faxineira e a filha mais velha toma conta dos irmãos.

- Trabalho como uma louca e tenho que ter o dinheiro do aluguel no final do mês. Quando vai chegando o dia, e vejo que não consegui juntar tudo, fico no maior desespero. O que eu queria mesmo é pagar por uma coisa que ficasse para meus filhos. Não quero que eles passem o que estou passando. Gostaria de poder ter um lote. Isso me faria lutar mais ainda pela vida.

FILHOS

Conseguir alugar um barraco, quando se tem mais de dois filhos, é uma luta árdua. Pelo menos é o que dizem os bilhetes. "Quem tem filhos não aluga barraco porque os donos dizem que as crianças sujam tudo, que elas riscam as tábuas e outras coisas. É um absurdo". "Se o governador pudesse dar os lotes, eu não teria que ficar mentindo para os donos dos barracos dizendo que não tenho cinco filhos e só tenho dois". "É tudo brasileiro, mas não sei como é que se faz tanta maldade a ponto de recusar nossos filhos".

Um dos bilhetes mostra o fato de que a família foi despejada de um barraco, onde morava há dois anos, porque o dono decidiu alugar para um casal sem filhos. "Ele, o dono, falou logo que ia trocar de inquilino por causa das crianças. Mas, senhor governador, eu não vou jogar meus filhos fora".

DAVI EMERICH
Da Editoria de Cidade

Lote. Esta é a palavra mais ouvida em Ceilândia, pronunciada diariamente por milhares de pessoas nos pontos de ônibus, nas filas dos hospitais, nas conversas com os amigos, na sala da administradora regional e em dezenas de cartas enviadas diariamente ao governador José Ornellas ou a entidades como o Centro de Desenvolvimento Social. A conquista do lote significa para os moradores de Ceilândia a entrada no reino dos céus e a segurança necessária para enfrentar os percalços constantes do desemprego.

O projeto Aló, Aló Brasília, inaugurado no último sábado na praça central de Ceilândia, reafirmou esta verdade. Em apenas duas horas - prazo de duração do programa - foram depositadas na urna aproximadamente oito mil reivindicações, das quais 7.630 eram relativas à conquista de um local definitivo para se morar. Os outros pedidos referiam-se a creches públicas, policiamento em escolas ou em alguns setores ainda abandonados da cidade e melhorias de urbanização, como colocação de melos-fios, gramados e parques infantis.

Ler as reivindicações dos moradores de Ceilândia, como ficou demonstrado através do Aló, Aló Brasília, é acompanhar uma realidade triste e, ao mesmo tempo, comovente. Mulheres pedem pelo amor de Deus um cantinho para morar, inclusive para poder sustentar os filhos. De modo geral, dificilmente um trabalhador da cidade ganha mais de um salário mínimo e o aluguel de um barraco já ultrapassa a casa dos 20 mil cruzeiros.

Uma boa parte dos moradores de Ceilândia, sobretudo a população masculina, é ligada à indústria da construção civil e centenas de trabalhadores foram jogados no desemprego pela crise que atinge o setor desde 1978. Também, através do Aló, Aló Brasília foi possível constatar a existência de trabalhadores que sofreram acidentes no exercício da profissão e foram jogados na mais absoluta miséria, junta-

mente com suas famílias. E por isso que a conquista do lote acaba se transformando numa tábu de salvação para os ceilandenses.

MOVIMENTOS

Apesar de contar apenas 12 anos de existência, Ceilândia já apresenta uma deficiência de habitação gritante. Alugar um barraco, construído de maneira precária, é um método utilizado por quase todos os moradores, que tiveram a sorte de conseguir um lote, até mesmo para suplementação de renda. Existem famílias inteiras vivendo na cidade apenas com a renda obtida com o aluguel de precários barracos.

É justamente neste contexto econômico e social que costumam crescer os movimentos populares da cidade. O Movimento dos Incansáveis, por exemplo, conseguiu fazer assembleias nos anos de 1979 e 1980 com até 3000 pessoas. Ainda hoje, os incansáveis mantêm um grande poder de mobilização e a sua força deverá ser crescente até o momento em que a demanda entre os antigos moradores da Vila do IAPI e a Terracap for resolvida.

Neste ano, um novo movimento nasceu: o dos inquilinos. Cansados de pagar aluguel, e não tendo dinheiro nem mais para sobreviver, milhares de moradores estão se articulando em torno do Movimento dos Inquilinos e reivindicando do Governo do Distrito Federal uma solução para o problema. Não aceitando qualquer tipo de propaganda gratuita - o lema é: "não estamos prometendo lote a ninguém" - e sempre procurando abrir canais de negociação com as autoridades, o Movimento dos Inquilinos vem conseguindo muitas adesões e já pensa em se transformar numa associação legal.

De acordo com Epaminondas da Silva, um tímido nordestino que lidera o Movimento dos Inquilinos, existiriam hoje em Ceilândia mais de 150 mil pessoas morando de aluguel. Se este dado for verdadeiro dificilmente o GDF vai ter condições de resolver a falta de habitação na cidade, e, por isso, a tendência ao avelamento dificilmente será contida.

"Mataram meu marido..."

"Olha, eu tenho três filhos e moro de aluguel. Agora, mataram o meu marido e eu tenho que criar meus filhos, sozinha. Por isso eu peço pelo amor de Deus para a senhora (Maria de Lourdes) me ajudar. Sei que Deus vai lhe ajudar muito mais. Sei também

que é muito difícil para a senhora resolver o problema do aluguel, mas sei que a senhora é boa e vai tentar fazer o que pode por mim". Sandra Cristina de Almeida - QNM 7, Conjunto J, Casa 43, Ceilândia Sul.